

## Documentário Anarriê – As Transformações das Quadrilhas Juninas no Festival Folclórico de Parintins<sup>1</sup>

Rayanne Rodrigues ROCHA<sup>2</sup>

Bryza Marinho FREIRE<sup>3</sup>

Soriany Simas NEVES<sup>4</sup>

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

### RESUMO

Este trabalho é o resultado final da produção do documentário *Anarriê – As transformações das quadrilhas juninas no Festival Folclórico de Parintins*, cujo objetivo foi fazer o registro e o resgate das transformações que as quadrilhas juninas passam para se adequar ao atual contexto do Festival Folclórico, tendo como base os estudos da folkcomunicação. Entende-se que as quadrilhas juninas de Parintins estão se reinventando para preservar sua identidade cultural dentro do Festival Folclórico de Parintins, devido às ações dos agentes comunitários, os quais são caracterizados como folkcomunicadores. Os procedimentos metodológicos foram realizados em três etapas, pré-produção, filmagem e pós-produção.

**PALAVRAS-CHAVE:** documentário - quadrilhas juninas – folkcomunicação – memória - agentes folkcomunicacionais.

### 1- INTRODUÇÃO

As manifestações da cultura popular trabalham com um conjunto de processos simbólicos, pelos quais os agentes sociais traduzem suas crenças, valores e vivências diárias. Segundo Dutra (2012, p. 28) “de modo geral a cultura traduz a forma de viver do homem e pode ser expressa através de diversos elementos como a literatura, a pintura, a música, a dança, entre outras, que são manifestações e práticas cotidianas”. As quadrilhas juninas constituem uma das manifestações culturais representativas da cultura popular, pois expressam seus valores por meio de sua dança e performance.

De acordo com Cascudo (2011, p. 547) “a quadrilha é dança palaciana e foi popularizada sem que perdesse o prestígio aristocrático e transformado pelo povo, que lhe deu novas figuras e comandos inesperados”. Essa manifestação cultural tem origem inglesa, e surgiu por volta dos séculos XIII e XIV.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Cinema e audiovisual, modalidade Roteiro de não ficção (avulso ou seriado).

<sup>2</sup> Aluna líder recém graduada no Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: rr.rayanne@hotmail.com.

<sup>3</sup> Aluna recém graduada no Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: bryzafreire@hotmail.com.

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professora Mac. do Curso Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: sorissn@gmail.com.

Em Parintins, cidade do interior do Amazonas, a 429 km de Manaus, a manifestação ocorre durante o Festival Folclórico. De acordo com Farias (2005) tal festa é conhecida mundialmente pela disputa das agremiações dos bois bumbás Garantido e Caprichoso. O Festival acontece no mês de junho, quando também são realizadas as apresentações das quadrilhas juninas e bois mirins, porém estas duas manifestações constituem-se como parte do contexto da festa de modo tímido. Tais manifestações ainda lutam pela sobrevivência dos seus grupos folclóricos, pois à medida que o tempo passa, elas perdem espaço para os bumbás.

Nesse sentido, no intuito de saber sobre as transformações pelas quais já passaram e passam as quadrilhas juninas que participam do Festival Folclórico de Parintins, os grupos de quadrilha “Camponeses na Roça” da comunidade do Parananema, “Mexicanos na Roça” da comunidade do Macurany, “Fogo na Roça” da comunidade do Aninga e os “Discípulos de Shaolin” do bairro São Benedito foram os sujeitos escolhidos para nortear a produção do vídeo documentário.

Esta mídia compreende a perspectiva do trabalho, pois é um gênero audiovisual utilizado como forma de registro e expressão dos acontecimentos ou fatos que cercam o cotidiano da sociedade.

Nessa conjuntura, foram utilizados os pressupostos teóricos da folkcomunicação, uma disciplina que estuda os processos comunicacionais das manifestações folclóricas e os procedimentos pelos quais se sociabilizam. As manifestações folclóricas existentes em Parintins se caracterizam como processos de folkcomunicação e seus processos comunicacionais se dão por meio do Festival Folclórico de Parintins.

## 2- JUSTIFICATIVA

O Festival foi criado em 1965 por um grupo de amigos ligados ao grupo Juventude Alegre Católica (JAC), com intuito de unir os grupos folclóricos. O primeiro Festival foi apresentado na quadra da JAC, atualmente conhecida como Praça da Catedral, onde se apresentavam as quadrilhas juninas, pássaros<sup>5</sup> e os bois-bumbá. Segundo os precursores das

---

<sup>5</sup> **Pássaros:** São assim denominados em Belém, Pará, os grupos que apresentam nas festas de São João pequena representação de enredo mágico e sentimental, cenas cômicas e coreografia sem significação especial, mantendo o interesse do público pela movimentação. Constituíam outrora os cordões dos bichos ou Pássaros, de origem indígena; cortejo que acompanhava uma ave ornamental, com sugestiva e limitada coreografia, e desempenhava motivo dramático, pois quase sempre a ave era abatida pelo caçador e ressuscitada pela ciência do pajé. (CASCUDO, p.489).

quadrilhas juninas, a atenção central do festival era voltada para as quadrilhas. Cerca de vinte e duas quadrilhas apresentavam-se durante o festejo, segundo Braga (2002).

No ano de 1969, o festival já era uma referência cultural para o Estado. Os bois Garantido e Caprichoso foram os primeiros grupos folclóricos a se unirem e se institucionalizarem. Devida a esta união, os bois passaram a ser a principal atração do Festival Folclórico. As quadrilhas, desde então, lutam pela sobrevivência, pois muitos dos grupos que faziam parte do contexto da festividade desapareceram. Atualmente, apenas dezesseis quadrilhas participam do Festival, e dentre elas as mais antigas e tradicionais.

Partindo do pressuposto de que as quadrilhas juninas estão se reinventando para preservar a identidade e cativar o público, as quadrilhas tidas como “tradicionais” estão aderindo a um novo estilo, uma nova roupagem, introduzindo as formas de apresentações das quadrilhas “estilizadas”. Cabe aqui citar Trigueiro (2008, p.260):

A transformação das quadrilhas juninas tradicionais em direção as quadrilhas estilizadas revela uma faceta do debate sobre a globalização: o ressurgimento de culturas com bases locais ao invés da tão propagada padronização cultural. Mas do que isso, são manifestações culturais contemporâneas (re)significadas para atender as demandas de consumo da sociedade midiaticizada onde se misturam as experiências tradicionais modernas, chamando a atenção para sua beleza mas também por sua origem na periferia da cidade, próxima as experiências dos excluídos, dos marginalizados pela sociedade.

Considerando este pensamento de Trigueiro, acreditamos na relevância deste estudo, tendo em vista que ao longo dos anos as quadrilhas juninas passam por constantes transformações na luta pela sua sobrevivência dentro das manifestações culturais que existem no município.

### **3- OBJETIVOS**

Nesse sentido, o trabalho teve como objetivo geral produzir um vídeo documentário que resgatasse e registrasse as transformações que as quadrilhas juninas passam para se adequar ao atual contexto do Festival Folclórico de Parintins, tendo como base os estudos da folkcomunicação. Dentro dessa busca geral, especificamos os objetivos a saber: verificar os aspectos históricos, as mudanças e transformações das quadrilhas juninas de Parintins; averiguar os novos espaços utilizados para o processo de revitalização das quadrilhas juninas no contexto do Festival Folclórico, e por fim, coletar imagens e vídeos

de arquivo como forma de ilustração visual dos eventos anteriores, dando suporte ao vídeo documentário.

#### **4- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O estudo teve como norte os principais conceitos de folkcomunicação e documentário. Como suporte teórico da folkcomunicação, utilizamos os estudos de Luiz Beltrão e Osvaldo Trigueiro. O documentário tem como base, os conceitos dos autores Fernão Ramos e Sérgio Puccini. Além dos estudos da folk e do documentário, trabalhamos os conceitos de memória social com Walter Benjamin e Michael Pollak.

##### **4.1 Documentário**

O documentário é um gênero midiático caracterizado por mostrar a realidade do espectador de maneira mais ampla. Os procedimentos, técnicas, linguagem e narrativas deste campo, exploram novas fronteiras para a representação do mundo. Ramos (2008, p.22), diz que:

O documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados.

Portanto, o enfoque do nosso documentário vai além de expor ao público as formas particulares das quadrilhas de Parintins, tendo em vista que independentemente de ser uma cultura vinda do Nordeste, o grupo passou a ter características próprias da localidade. O documentário pretende, primeiramente, suscitar reflexões no expectador a partir das questões que envolvem a resistência desse grupo diante de constantes transformações para estar no contexto da sociedade e do Festival.

##### **4.2 Documentário como memória**

Vários métodos de comunicação podem difundir as festas populares e promover uma reflexão sobre a temática. Para Pollak (1989), o documentário é um instrumento poderoso de rearranjos sucessivos da memória coletiva, contudo, o gênero documentário é o formato mais indicado para a preservação dos patrimônios culturais e das memórias sociais na atualidade, uma vez que este trabalha diretamente com fatos, histórias e imagens extraídas da realidade.

O interesse de produzir um documentário foi fazer um registro de memórias em um ambiente social que comporta um grupo de personagens com um mesmo desejo. Cabe aqui lembrar Tavares (2005, p. 106) que afirma: “Como tudo é feito na base da memória, cada versão é diferente da anterior. É raro que se encontrem duas versões exatamente iguais; mas não importa. Cada uma é tão legítima quanto às outras”. Desse modo, é correto dizer que a produção do documentário implica uma amostragem da realidade das quadrilhas juninas no Festival, por meio da oralidade desses personagens que se caracterizam como comunicadores folk.

### **4.3 A Folkcomunicação como teoria**

As manifestações culturais atualmente estão se reinventando e ocupando novos espaços para se inserir no atual contexto da sociedade. Essas formas de reinvenção e transformação da cultura popular, a que os agentes e produtores aderem como forma de comunicação para preservar suas identidades culturais, Beltrão (1980, p.24) denomina de folkcomunicação, ou seja, “[...] conjunto de procedimentos de intercâmbio de informação, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore”.

Outro conceito mais atualizado da teoria da folkcomunicação aperfeiçoado por Hohlfeldt diz que:

A folkcomunicação não é, pois, o estudo da cultura popular ou do folclore, é bom que se destaque com clareza. A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos (SCHMIDT 2008 apud HOHLFELDT 2002, p. 9).

Segundo Neves (2009), as manifestações culturais têm buscado na contemporaneidade formas de sobreviver e se fazer repercutir, o que força os setores da cultura a redimensionar seus processos socioculturais e comunicacionais.

As quadrilhas juninas de Parintins se inserem no campo da folkcomunicação por ser um grupo que se utiliza da cultura popular para disseminar sua tradição através dos agentes comunitários. Esses agentes, Beltrão (1980) denominou de comunicadores folk, pessoas que têm reconhecimento no seu próprio grupo, que procuram disseminar suas informações e ideias com objetivo de conceituar e dar visibilidade para essa cultura. Logo,

as quadrilhas tradicionais de Parintins, “Camponeses na Roça”, “Fogo na Roça” e “Mexicanos na Roça”, estão configurando-se com uma nova roupagem, aproximando-se das quadrilhas estilizadas, como a quadrilha os “Discípulos de Shaolin”, um grupo que recria e inova ritmos estonteantes na brincadeira do município.

Segundo Trigueiro (2006), as quadrilhas estilizadas evitam seguir o estilo considerado tradicional, que representa o matuto. Como forma de estratégia, as quadrilhas juninas de Parintins passam por transformações e aderem a novos estilos. Embora pautadas no passado, essa manifestação passam por transformações para se adequar à modernidade.

Portanto, as quadrilhas juninas de Parintins mostram que não há perda de identidade de sua tradição, pois as mesmas mantêm os personagens típicos das quadrilhas juninas e alguns passos tradicionais, apenas aderem a uma nova forma de apresentação, considerada estilizada, com músicas mais vibrantes, roupas luxuosas e passos que possam chamar a atenção da população, com intuito de resistir e manter sua memória.

## **5- PERCURSO METODOLÓGICO**

O percurso metodológico do documentário seguiu os parâmetros de Puccini (2009) por meio de três etapas: Pré-produção, filmagem e pós-produção. Consiste em um vídeo histórico de 17 minutos, com tomadas externas, registradas ao som do microfone da câmera. A captação foi feita com abordagem participativa em estilo direto. Estes métodos visam captar os eventos exatamente como as pessoas os vivem.

### **5.1 Pré – produção**

Para a pré-produção do documentário **Anarriê** foram realizadas pesquisas bibliográficas, leituras de textos sobre produção de documentário, e o estudo da folkcomunicação, em seguida foi feito um levantamento de material de arquivo, entre fotos, filmes e arquivos sonoros.

#### **5.1.2 Trabalho de campo**

As pesquisas foram feitas na comunidade de São Miguel, no Ramal do Paranema, zona rural a 8 km da cidade de Parintins com a quadrilha “Camponesa na Roça”; “Mexicanos na Roça” da comunidade do Macurany, zona rural da cidade de Parintins; “Fogo na Roça” da comunidade do Aninga, zona rural, a 5 km da cidade, e por último, a quadrilha “Discípulos de Shaolin”, do Bairro São Benedito.

Em seguida, foram realizados os contatos pessoais e entrevistas informais para a elaboração do roteiro do documentário, o que nos possibilitou traçar um perfil dos comunicadores folk, observando a sua vivência na comunidade, a experiência cultural e sua história.

A partir daí, iniciou-se as pré-entrevistas abertas e diálogos informais com as pessoas envolvidas na temática. Ao realizarmos as pré-entrevistas, sobretudo, referenciadas pelo estudo da folkcomunicação e atendendo o perfil do comunicador folk, foram escolhidos líderes das comunidades estudadas que participam há mais de 20 anos dessa manifestação.

#### **5.1.4. Montagem do pré-roteiro**

Ainda na fase de pré-produção, criou-se um pré-roteiro, a fim de nortear as entrevistas e facilitar a produção do produto final. Isso facilitou na fase das gravações das entrevistas e ajudou a manter um direcionamento, porém não nos impossibilitou fazer algumas alterações, pois alguns entrevistados continham informações indispensáveis para o contexto do documentário havendo a necessidade do aumento de entrevistas e modificações de alguns entrevistados.

### **5.2. Filmagem**

Para as filmagens, os equipamentos utilizados foram duas câmeras Sony Z5 e Z1, uma das entrevistas foi gravada com uma câmera Canon modelo T3i. O áudio do vídeo foi captado por dois tipos de microfones (um boom e uma lapela).

#### **5.2.1 Os entrevistados**

Nenhuma entrevista foi feita sem a pauta, pois anteriormente foram realizadas várias visitas periódicas que nos ajudou a criar vínculo de confiança com os entrevistados. Muitas das perguntas foram feitas em comum a fim de evidenciar as mudanças ocorridas em cada quadrilha junina.

#### **5.2.2 Gravações**

Esta etapa iniciou com as definições que foram feitas no pré-roteiro onde constavam as datas, horários, locações, enquadramentos, ações e os assuntos. A maioria dos enquadramentos foi feito em plano médio e close em ângulo horizontal - frontal e vertical

com e sem o uso de tripé, com iluminação ambiente e som direto da câmera (boom). Puccini diz que: “Não há muito sentido em se filmar toda uma entrevista em grande plano geral, fazendo com que o entrevistado ocupe um espaço mínimo do quadro. A utilização ou não de tripé para a câmera vai depender muito do local da entrevista e da situação em que esta ocorre”. (2009, p.67,68). O entrevistador ficou fora do quadro da câmera posicionado-se ao lado dos cinegrafistas. Em relação ao local, as entrevistas foram feitas em ambientes externos, onde ocorrem as manifestações.

### **5.3 Pós-produção**

Com as gravações concluídas deu-se início à montagem do documentário com a decupagem das fitas e a elaboração do roteiro de edição. O roteiro de edição contribuiu muito na montagem das sequências das entrevistas. Como exemplifica Puccini, a execução do roteiro de edição é muito importante, pois guia o cineasta na definição da estrutura do documentário.

#### **5.3.1 Decupagem**

Foram usadas doze fitas mini DV e ouvimos cerca de 7h de filmagem. As imagens foram gravadas no formato AVI-DVNTSC, aspecto 4x3, com dimensão de 720x480 pixels. O áudio foi gravado em 48.000 Hz com 16 bit's e a escolha desse formato se deu em virtude de tornar mais fácil o acesso a equipamentos de filmagem e por ter maior compatibilidade com softwares de edição.

A plataforma de montagem utilizada foi o software Adobe Premier CS5 que fez a convergência e combinação dos elementos gráficos das imagens e do áudio. A arte para as vinhetas e cortinas são ilustrações idealizadas a partir de pesquisas, diálogos e observações acerca da manifestação junina em seu contexto amazônico, enfatizando os traços, as cores, os lugares e os brincantes em seu real contexto sociocultural parintinense.

Os desenhos foram digitalizados, recortados e receberam animação em 2D nos softwares Adobe Photoshop, Adobe Illustrator e Adobe After Effects todos na versão CS5. Foram utilizadas imagens de arquivo e músicas populares de quadrilha junina para contextualizar os eventos citados durante o vídeo. O resultado final do documentário foi gravado em dois suportes: em DVD vídeo para exibição e distribuição e fita Mini DV para arquivo.



## 6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que as quadrilhas juninas de Parintins ao longo dos anos têm passado por constantes transformações para se adequar ao atual contexto da sociedade e do Festival, o documentário *Anarriê*, resgatou e registrou as transformações das quadrilhas juninas, por meio da oralidade e resgate da memória dos atores sociais que compõem esse grupo folclórico. Ao constatarmos que as quadrilhas juninas estão se reinventando para preservar a identidade e cativar o público, consideramos os estudos da folkcomunicação relevante para a abordagem conceitual deste produto, pois segundo os estudos de Luiz Beltrão, festas, rituais e manifestações artísticas são atendidos como processos comunicacionais, em que os agentes e produtores aderem para preservar suas identidades culturais. Esses agentes são denominados folkcomunicadores. Portanto, a relação dos fatos verificados e a abordagem conceitual estão evidenciadas durante todo processo de produção do trabalho, pois, através de cada personagem entrevistado, mostrou ao público o papel dos folkcomunicadores dentro do seu grupo social, bem como os procedimentos que estes atores sociais utilizam para sociabilizarem a cultura do seu grupo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura historia da cultura**/ tradução Sergio Paulo Rounet; prefácio Jeane Maria Gagnebin.- 7. Ed – São Paulo: Brasiliense, 1994 – (obras escolhidas v.1).

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os Bois Bumbás de Parintins**.- Rio de Janeiro: Funarte. Ed. Universidade do Amazonas. 2002.

CASCUDO, Luis da Câmara, 1898-1986. **Dicionário do folclore brasileiro** / Luís da Câmara Cascudo – 11. Ed. – edição ilustrada – São Paulo: Global, 2011.

DÓRIA, Naná Garcez de Castro. TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010. 2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB, email: [nana.garcez@ig.com.br](mailto:nana.garcez@ig.com.br) Orientador do trabalho. Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. Email [meiratrigueiro@gmail.com](mailto:meiratrigueiro@gmail.com). Programa de Ana Maria Braga, transmitido pela Rede Globo de Televisão.

FARIAS, Julio Cezar, 1996. **De Parintins Para o Mundo ouvir: Na academia das toadas dos bois-bumbás Capricho e Garantido**/ Rio de Janeiro: Litteris Ed., 2005.

MELO, José Marques. **Mídia e cultura popular: historia, taxionomia e metodologia da folkcomunicação.** São Paulo: Paulus, 2008. – (Coleção Comunicação).

NEVES, Soriany Simas, LÉVY Denize Piccoloto Carvalho. **Entre o popular, o tradicional e o massivo: como as pastorinhas de Parintins fazem repercutir seus processos comunicacionais. In:** II Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da Comunicação, 01 a 03 de abril de 2009 – São Paulo – Brasil. Disponível em >> [http://www.google.com.br/ConheçaASPM/Mestrado/Documentos/COLOQUIO%20BXM/S3/soriany%20simas%e%20denize%20piccoloto.pdf](http://www.espm.br/http://www.google.com.br/ConheçaASPM/Mestrado/Documentos/COLOQUIO%20BXM/S3/soriany%20simas%e%20denize%20piccoloto.pdf). Acesso em 23 de agosto de 2011.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção á pós-produção.** Campinas, SP: Papyrus, 2009. – (Coleção Campo Imagético).

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac/SP, 2008. p. 447

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** *Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.* Esta conferência foi transcrita e traduzida por Monique Augras. A edição é de Dora Rocha. Disponível em >> [http://reviravoltadesign.com/080929\\_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria\\_e\\_identidade\\_social.pdf](http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf). Acesso em 5 de abril, 2012.